



## **PATRIARCADO E MERCADO: IMPACTOS SUBJETIVOS NOS CORPOS FEMININOS.**

Ana Celeste Alves Casulo

*Curso de Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:cpcon@uepb.edu.br*

Ana Verônica de Alencar.

*Curso de Mestrado em Psicologia da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail:cpcon@uepb.edu.br*

**RESUMO:** Este trabalho têm por finalidade discutir as relações entre gênero, trabalho e subjetividade, entendendo a mulher como sujeito que sofre opressão de gênero em todas as esferas sociais e que é multiplamente desqualificada quando impactada pelo racismo, misoginia, sexismo e opressão de classe. O mercado de trabalho torna-se um dispositivo segregador, a partir do instante em que há uma divisão sexual do trabalho e a mulher é amputada dos seus direitos legais e jurídico em detrimento de uma sociedade patriarcal e sexista, que a torna subalterna diante das situações de trabalho. O contexto brasileiro revela a degradante situações das mulheres nas diversas atuações de trabalhos e principalmente como empregada doméstica, lugar onde o público e o privado do trabalho se comunicam e se confundem. As diversas subjetividades que aí serão construídas é reafirmada pela ideia de gozo, sentido freudiano, e como ela é articulada como as diversas opressões apontadas nas relações de trabalho e o mal – estar simbólico aí projetado.

**Palavras-chave:** Trabalho, gênero, subjetividade, raça e classe.

O presente artigo tem por objetivo abordar o lugar da mulher nos processos de trabalho examinando como se dá à relação de gênero atravessado pela inserção no mercado de trabalho, historicamente opressor e sexista. Neste sentido se faz refletir a respeito de como essa opressão ecoa na subjetividade feminina.

O mercado de trabalho percebido historicamente como constitutivamente masculino e expresso sob a lógica de sujeição e exploração do outro, atende a ordem patriarcal das relações de gênero, expressando a exclusão da mulher no espaço público/mercado de trabalho e a rejeição dos

seus direitos. Entretanto segundo Hoffman; Leone (2004) nos anos 1990 há uma intensa abertura econômica, como por exemplo, a terceirização da economia, tendenciado uma crescente incorporação da mulher na força de trabalho. Porém nessa última década, o desemprego feminino, cresceu exibindo uma desproporção entre os postos de trabalho e a população economicamente ativa feminina.

Saffioti (2004) afirma que no contexto brasileiro os postos de trabalho ocupados pelas mulheres são compreendem tarefas tradicionais (trabalhos domésticos, referentes ao cuidado, professoras dos ciclos iniciais) e essa vinculação está associada à ideologia do



patriarcado com a cultura especial que engendra a sua correspondência estrutura de poder impactando em todas as esferas da vida social. A mulher vem sendo excluída e violentada ao longo da história e na maioria das culturas. Toledo (2008) afirma que a mulher não nasceu oprimida e que ao longo da história devido à divisão social do trabalho fundamentada, nos padrões econômicos se estabeleceu a dominação e exploração da mulher. Grande parte dessa condição subalterna imposta a mulher deve-se a forma de organização patriarcal imposto pela maioria das sociedades; compreende-se por patriarcado:

A dominação dos homens sobre as mulheres e o direito masculino de acesso sexual regular a elas estão em questão na formação do pacto original contrato social é uma história de liberdade o contrato sexual é uma história de sujeição o contrato original cria ambas, a liberdade e a dominação. A liberdade do homem e a sujeição da mulher derivam do contrato original e o sentido da liberdade civil não pode ser compreendido sem a metade perdida da história que revela como o direito patriarcal dos homens sobre as mulheres é criado pelo contrato a liberdade civil não é universal é um

atributo masculino que depende do direito patriarcal os filhos subvertem os regimes paternos não apenas para conquistar a sua liberdade mas também para assegurar as mulheres para si próprios. Seu sucesso nesse empreendimento é narrado na história do contrato sexual. O pacto original é tanto contrato sexual quanto social: é social no sentido de patriarcal- isto é, o contrato cria o direito político dos homens sobre as mulheres -, e também sexual no sentido do estabelecimento de um acesso sistemático dos homens ao corpo das mulheres o contrato original cria o que chamarei de seguindo Adriene Rich de “lei do direito sexual masculino” o contrato está longe de se contrapor ao patriarcado ele é o meio pelo qual se constitui o patriarcado moderno”. (TOLEDO, 2008, p.16-17).

### **IDEOLOGIA NO PATRIARCADO.**

A ideologia do patriarcado é em grande parte responsável pelo aprisionamento da mulher na posição submissa ao homem entendendo Segundo Zizek (1996) a ideologia como sendo a relação espontânea do sujeito com o mundo tendo por função distorcer a realidade impossibilitando o sujeito se deparar



com o Real sendo este apontando sempre para algo que está para além do que se possa observar. O que está obscena em toda essa história é a relação hegeliana do senhor e do escravo apontando dessa forma para uma organização social marcada pela dinâmica afetiva entre os sujeitos.

A eleição inconsciente que coloca a mulher na posição de subordinação diante do homem tem a ver com o fato do feminino apontar para o que falta nos sujeito uma vez que está se constitui como não toda e castrada no real de seu corpo. A partir do reconhecimento de outro que é não toda e que sinaliza para uma falta faz com que o homem se depare com a sua própria falta estruturante fazendo com que essa sensação de estranho-familiar provoque uma reação de rejeição a esse outro tendo então o que Freud vem a chamar no seu texto sobre o mal está na cultura como narcisismo da pequena diferença ainda se pensando nos textos sociais de Freud este retoma essa discursão sobre o narcisismo da pequena diferença nas psicologia das massa em que ele identifica o racismo de estado como tendo suas origens neste narcisismo que acumula adeptos a partir da angustia generalizada que promove identificação entre os sujeitos e tomam forma diante do discurso social exemplo o ódio as mulheres, que emerge a partir da rejeição ao

gozo<sup>1</sup> do outro entendo que isso que se rejeita no outro foi recalcado em um determinado momento de vida e acaba por repercutir como a vontade da sua subordinação e exploração.

Essa organização cultural começa a instalar entre as mulheres o a que Freud vem chamar de Unwohlsein (que do alemão significa sem clareira) sendo este causado pelas leis e normas construídas socialmente. Neste Zizek (2014) sentido esse mal –estar fomenta a suspensão da eficácia simbólica gerando uma crise ideológica sendo criado então o movimento feminista que consiste em um movimento de reivindicação de direitos em que a mulher se nega a permanecer nessa posição subalterna e exige um outro lugar dessa vez um lugar de sujeito onde a mulher deseja ser tratada de forma igual, ter os mesmos direitos e deveres dos homens, reagindo ao medo e a paralisia imposta pelo patriarcado.

### **DO PRIVADO AO PÚBLICO.**

Tal subalternidade também é revelada no âmbito público quando se retrata o que se encontrava no ambiente de trabalho no século XIX, na passagem da manufatura para à grande indústria, aonde a mulher e a máquina chegam juntas ao processo produtivo

---

<sup>1</sup> Gozo corresponde aquilo que é completamente inútil na vida do sujeito mais ao mesmo tempo corresponde aquilo que diferencia o sujeito dos outros sendo também aquela dimensão subjetiva que representa a identidade do sujeito.



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

adentrando ao chão de fábrica, para o rendimento do capital. As condições precárias de trabalho e as diversas tentativas de alocar a mulher numa situação de subalternidade no processo de trabalho, desde a sua entrada no mundo assalariado, é expresso pela substituição de trabalhadores qualificados por não-qualificados, ou seja, a mulher é compreendida no espaço público como mão-de-obra desqualificada. Segundo Toledo (2008): “Dois fatores, portanto contribuem, para a transformação da mulher em proletária: 1) a máquina, ao dispensar a força muscular; 2) a desqualificação do trabalhador, (pois a mulher é considerada mão-de-obra desqualificada por origem).”

Na esfera pública e privada a mulher é posta a todo instante em situação degradante. Esses espaços que por hora parecem distintos e incomunicáveis na ótica de mercado e capital são conjugados no mesmo tempo e espaço, quando se faz referência ao trabalho doméstico, onde está o cerne da opressão feminina. Opressão esta implicada por homens em relação a mulheres (quando esta ocupa uma dupla jornada de trabalho) e por mulheres em relação à outras mulheres (quando a maior parte representativa do trabalho doméstico é ocupado por mulheres negras). Toledo (2008) afirma que:

Dentro do conjunto da população trabalhadora, a mulher

negra conforma o contingente mais explorado e oprimido. Na ordem inversa da pirâmide social, ela tem acima de si todos os demais setores sociais. Vem abaixo da mulher branca, do homem negro e do homem branco, recebendo em média dois salários mínimos por mês [...] Elas são sempre as escolhidas a ocupar os piores postos, em geral no setor de serviços (domésticas, quituteira, faxineira, lavadeira, babá e outros) onde, aliás, os salários são mais baixos e a precariedade das relações trabalhistas mais presentes.

Segundo Venturi, Recamán e Oliveira (2004) as regras do mercado e a compreensão de que o trabalho doméstico seria uma continuidade do trabalho do lar descaracterizou durante muito tempo as atividades socialmente impostas às mulheres. Que acabam sofrendo o impacto mais intenso principalmente diante de um regime de gestão social que é o neoliberalismo que por ele mesmo já representa em si o ponto máximo do sistema capitalista onde o conceito de mais-valia é vivido na sua forma mais radical, onde o ciclo acaba se fechando quando o próprio trabalhador se torna consumidor da



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

própria mercadoria em que este foi explorado para produzir, neste sentido a condição da mulher que acaba por receber menos mesmo realizado o mesmo trabalho e sabendo que o valor da mercadoria inclui representa a quantidade de trabalho e esforço realizado para desempenhar uma determinada atividade.

Porem ao trabalhador que realizou a atividade é destinada apenas uma pequena parcela das atividades realizadas pelo sujeito que trabalha e a mulher ainda se paga por uma quantia menor do que a ofertada ao homem o que fica evidente nessa relação que o trabalho da mulher acaba sendo menos reconhecido do que o do homem. Segundo os dados do IBGE (2014) as mulheres recebem em média 75,4% da remuneração dos trabalhadores do sexo masculino.

Para Zizek (2014) o mais importante do que perceber o que está por trás da mercadoria é perceber o porquê que esta assume a forma que tem, em que momento o carácter material assume a forma de dinheiro e principalmente a representação das trocas sociais e as relações de classes sociais presentes nessas trocas. Seu poder de compra funciona como um marcador do valor social empregado a sua atividade de trabalho. Todavia os valores instituídos pelo modelo econômico, referido neste, sobre a mercadoria são na maioria das vezes superior ao esforço de trabalho, o que evidencia assim o carácter

exploratório da relação entre desenvolvimento de atividade laboral e o valor mercadológico. O valor do dinheiro construído não é o material do dinheiro aquele que traz seu valor, mas o material sublime daquele que é indestrutível e imutável que assume esse carácter, pois é sustentado pela autoridade simbólica.

Autoridade simbólica construída pelo cruzamento entre organização patriarcal e ideologia neoliberal onde a primeira encontra-se a serviço da segunda. Então a compreensão do que está para além do fetiche da mercadoria pensado por Marx é perceber a dinâmica afetiva envolvida nas trocas tanto da relação de consumo quando nas relações de trabalho.

[...] toda essas relações neoliberais se baseiam em certo “consentimento moral” a tal expropriação, vindo exatamente daqueles que mais sofrem, constituindo-se graças ao impacto psíquico da internalização de um ideal empresarial em si. Graças a internalização desse ideal, o risco de insegurança social produzido pela desregulamentação do trabalho foi suplantado pela promessa de plasticidade absoluta de formas de vida, da mesma maneira que a intensificação do desempenho e das performances exigidas



pelo ritmo neoliberal.  
Safatle (2015, p.199)

Esse discurso descrito à cima é sustentado agora por outra ideologia dessa vez conhecida por meritocracia neste sentido o consentimento moral é sustentado pela crença da sociedade dos méritos é a confiança que se tem que se acredita que se pode chegar a ocupar qualquer lugar basta desejar e se esforçar para que os esforços sejam recompensados. Esse processo permite que as relações de trabalho seja “psicologizadas.” E aceitas pelos sujeitos sem questionamento e internalizadas constituindo agora parte da dinâmica dos afetos do trabalhador, essa dinâmica afetiva regula a forma como cada trabalhador afeta e será afetado pelo trabalho.

Nessa perspectiva a mulher enquanto mão-de-obra originalmente desqualificada, têm sua subjetividade facilmente capturada para atender a lógica do mercado e se comprometer com o ideal meritocrático imposto, dilacerando sua dimensão física e psíquica. Entendendo-se que esta captura não é apenas de ordem sexista, mas de facetas múltiplas e diversificadas, e se revelam decisivamente dramática, quando interseccionada<sup>2</sup> entre gênero e raça.

---

<sup>2</sup> Esta ideia, segundo Crenshaw (2002), sugere que: A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam

Revelando assim uma “ordem” social que implica em uma ampla desigualdade no espaço de trabalho.

## **O CENÁRIO OBSCURO DO MERCADO NEOLIBERAL.**

Com o avanço do sistema neoliberal e sua tentativa de maximizar todas as formas de acumulo de capital, as relações trabalhistas passam a sofrer também modificação e a terceirização dos serviços representa hoje o sonho do empresário e o pesadelo do trabalhador e tudo isso vem aliado às perdas gradativas dos direitos trabalhistas conquistados ao longo dos anos, todo esse cenário sendo apoiado pelos governantes.

O medo e a insegurança se transforma em material de manipulação empresarial e política onde o trabalhador se vê obrigado a ceder aos caprichos do empresário em nome da sobrevivência configurando-se então uma outra forma de alienação pelo trabalho não apenas pelo fetiche da mercadora mais pelo medo constante da miséria e da pobreza.

A mulher nessa esfera acaba por se transforma na esfera mais fragilizada da população uma vez que a mesma não tem as mesmas oportunidades no mercado pois além de ter que enfrentar um mercado feroz e competitivo ainda precisa enfrentar o sexismo

---

desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras (Crenshaw, 2002, p. 177).



e a misoginia de um espaço público feito para os homens, esse medo se expressa nas mulheres de diversas formas inclusive no que diz respeito ao empoderamento das mesmas.

Diante deste cenário é observável o recrudescimento do panóptico<sup>3</sup> como forma de controle interior e cerceamento de ações que venham a desestabilizar a ordem imposta característica peculiares do método Toyota de produção: “administrar com os olhos”. Tal controle reafirma a capacidade destrutiva do capital sobre a subjetividade do sujeito, visto que este torna-se padrão de si mesmo através do “inspetor interior”, retroalimentando a as regras e punição pela quebra destas regras. Segundo Alves (2011): “Sob o Toyotismo a “captura” da subjetividade do trabalho pressupõe controle do trabalho vivo por meio do “olhar que perscruta” o interior da alma humana.”

## CONCLUSÃO

Diante desse estudo faz-se compreensível que as relações de trabalho estão permeadas por processos desiguais de remuneração, postos de trabalho e relações de poder dentro dos espaços públicos e privados,

<sup>3</sup> O panóptico, ideia do utilitarista Jeremy Bentham no século XIX, era um projeto arquitetônico de instituições disciplinares que utilizavam o olhar com instrumento de controle. A ideia de panóptico, idealizada por Bentham para ser utilizada em presídios, surgiu a partir de experimentos nas fábricas russas no começo do século XIX. Alves (2011 apud PERROT, 2000)

onde é dada a mulher uma posição subalterna em relação ao homem, reforçado pelo patriarcado e pelo poder do capital, desigualdade esta aprofundada quando interseccionada gênero e raça. Esta relação de desigualdade começa a se estabelecer diante das questões de ordem inconsciente diante da representação da figura feminina para o homem, pois sabe-se que a mulher aponta para algo que está para a ordem da falta e sinaliza ao homem que tem algo que se perdeu e para uma modalidade de gozo diferente e difícil de ser tolerada não apenas pela diferença mais pelo estranhamento de que algo da ordem da falta fora outrora recalcado pelo sujeito.

A ideologia, a dinâmica da economia subjetiva do gozo, consiste as forças inconscientes de sustentação do mercado financeiro e da economia atualmente. Neste sentido a organização social que se tem permanece dessa forma sem contestação pois existe um certo pacto social entre os sujeitos que estão participando inclusive entre os próprios sujeitos que encontra-se em situações de exploração o que vai minando as tentativas dos sujeitos que não se adaptam ao modelo social em questão.

As lutas igualitárias perdem completamente o sentido, pois o Gozo e a ideologia entorpecem a consciência impossibilitando os sujeitos de enxergarem o



que está por trás de tudo uma vez que o próprio sistema econômico que se vive é um produto da invenção e da imaginação humana, ou melhor, consiste nas modalidades de gozo dos sujeitos.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Giovanni. **Trabalho e Subjetividade:** o espírito do toyotismo na era do capitalismo manipulatório. São Paulo: Boitempo, 2011. 164 p.

HOFFMANN, Rodolfo; LEONE, Eugênia Troncoso. Participação da mulher no mercado de trabalho e desigualdade da renda domiciliar per capita no Brasil: 1981-2002. **Nova Economia**, Belo Horizonte, p.35-58, ago. 2004. Disponível em: <[http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos\\_e\\_textos/A\\_mulher-e-o-mercado\\_de\\_trabalho/Participacao da mulher no mercado de trabalho.pdf](http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/A_mulher-e-o-mercado_de_trabalho/Participacao_da_mulher_no_mercado_de_trabalho.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2016.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasil, 2014. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/>. Acesso em 14 de maio de 2016.

SAFATLE, Vladimir. **Circuito dos afetos:** Corpos Políticos desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. **Gênero, patriarcado, violencia.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

TOLEDO, Cecília. **Mulheres:** o gênero nos une a classe nos divide. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2008. 148 p.

VENTURI, Gustavo; RECAMÁN, Marisol; OLIVEIRA, Suely de (Org.). *A Mulher brasileira nos espaços Públicos e Privados.* São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. 200 p.

ZIZEK, Slavoj. **Violência:** Seis Reflexões Laterais. São Paulo: Boitempo, 2014. 162 p. (Estado de sitio). Miguel Serras Pereira. Disponível em: <[www.boitempoeditorial.com.br](http://www.boitempoeditorial.com.br)>. Acesso em: 30 jul. 2015. ZIZEK, Slavoj;

ZIZEK, Slavoj (Org.). Como Marx inventou o sintoma? In: ZIZEK, Slavoj. **Um mapa da ideologia.** Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 42-69. Tradução Vera Ribeiro. Disponível em: <<https://ensaiosjuridicos.files.wordpress.com/.../um-mapa-da-ideologia-the...>>. Acesso em: 09 fev. 2015.



# XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES



[www.generoesexualidade.com.br](http://www.generoesexualidade.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@generoesexualidade.com.br](mailto:contato@generoesexualidade.com.br)